

MODELOS DE CIVILIDADE: ELEMENTOS PARA SE COMPREENDER A INSTRUÇÃO PÚBLICA CEARENSE, NO FINAL DO SÉCULO XIX (1870-1900)

Amós Bernardino¹
Universidade Federal do Ceará

Introdução

Nos últimos decênios do século XIX (**1870-1900**), freqüentemente, encontramos “escritos de intelectuais que exerciam a práticas docentes em publicações”² de jornais e revistas. Os intelectuais que pertenciam a Agremiações literárias como Academia Francesa (**1875-1877**), davam aulas noturnas, na chamada escola popular. O Gabinete de Leitura Cearense (**1877-1883**) era o guardião público da biblioteca provincial. O Clube Literário (**1886-1887**) era marcado intrinsecamente por idéias científicas, promovia os ideais evolucionistas, e divulgava a pedagogia romântica de Pestalozzi e Fröebel, em uma revista chamada, a *Quinzena*. Os sócios da Padaria Espiritual (**1892-1898**) “não só pedagogizavam a literatura, mas também escreviam como uma forma de recolocação de capital social, usando o jornal , *O Pão*, como veículos e espaços socializadores de sua idéias”³ Tinham os intelectuais desse período envolvimento com diversas agremiações literárias, espaços disseminadores de cultura letrada, exercendo o engajamento político. Muitos tinham também, envolvimento com práticas docentes no Liceu do Ceará e na Escola Normal (**1884**).

Compunham os intelectuais e literatos, nos últimos decênios do século XIX (**1870-1900**), um grupo que movimentava a produção literária cearense, intercambiava capitais simbólicos, e estabelecia pontes de ligação entre os campos simbólicos. Eram intelectuais engajados, faziam literatura como missão, segundo Sevecenko (2003). Os que eram educadores, eram disseminadores de pedagogias experimentais , ditas ‘científicas’, Positivismo de Comte, Spencer, Darwin além do criticismo kantiano. A temporalidade do último quartil do século XIX (**1875-1900**) é a época da efervescência e ‘hegemonia’ das pedagogias românticas de Rousseau, Pestalozzi, e Fröebel com os seus jardins da infância. À época, iniciava-se o embate entre as pedagogias tradicionais católicas e outras, ditas ‘experimentais’, científicas. Discussões sobre ‘Belle époque’ e Higienismo embalavam a política e pedagógica da época.

No período de (**1860-1900**) ocorre o aparecimento da Biblioteca Pública Provincial (**1867**) e de uma infinidade de escolas, promovendo o desenvolvimento da Instrução Pú-

blica cearense.⁴ Entendemos a biblioteca como um espaço de memória social e coletiva, segundo Halbwachs (1990), que conserva a materialidade de uma época, por exemplo, as tensões sociais e as memórias coletivas de grupos que foram acumuladas e depositadas nos objetos de cultura letrada, pois o livro tanto é um suporte, como também um objeto cultural, segundo a leitura de Chartier (1998). É nesse ‘teatro das representações sociais’ em Fortaleza antiga, juntamente com a criação do Liceu Provincial do Ceará (1845) que se percebem os sinais, as marcas, e os rastros de ‘progresso e civilização’. Tais instituições culturais são carregadas de materialidade e bens simbólicos e estão inseridas em práticas culturais em sua temporalidade. Os livros falam da sociedade, das formas de civilidade, do pudor, além do que, estabelecem relações com a tradição, a formação, e com a cultura letrada. Além disso, denunciam formas de sociabilidade e suas construções.

Nos períodos (1845-1867), temporalidade que compreende a criação do Liceu provincial e a fundação da Biblioteca Pública, existe uma lacuna, quanto aos tipos de livros que liam os adolescentes no Liceu do Ceará e de que maneira se apropriavam dessas leituras. Da mesma forma, não se sabe quem vendia os livros escolares nesse período (1860-1900). O circuito do livro, conforme a leitura de Darton (1990), está aberto, não evocado, mas não perdido para a historiografia.

As Grandes transformações sociais que abalaram a Europa e o resto do mundo no século XVIII, em parte, têm suas origens em ‘projetos políticos, sociais e econômicos’ dos ideais burgueses. Espalham ‘ventos de mudança’ por toda parte. Assim, proporcionalmente, a intensidade resultante da força que as lançaram no novo continente também sopra ‘ventos’ que reverberam essas ondas em outros continentes. Em todo projeto político, há sempre marcas deixadas na educação, pois os fenômenos sociais estão todos interligados e a educação é um fenômeno social, ou melhor, um fato social⁵, um fenômeno de transmissão cultural. O século XVIII é o século das idéias, o esboço de projetos, de desenhos de uma pedagogia liberal e laica, de acordo com Cambi (1999). O iluminismo é um período muito ‘rico em reflexões pedagógicas’. Um de seus aspectos marcantes está na pedagogia política, centrada no esforço para tornar a escola leiga em função do estado.”⁶

O Brasil do século XIX é uma nação em construção. O projeto político-pedagógico desse período possui suas raízes exógenas nas idéias da pedagogia política do século XVIII e do iluminismo francês. O século XIX é a temporalidade em

que a pedagogia deseja ser científica, de acordo com Cambi (1999). É o momento, no processo histórico, em que começam a tornarem-se fortes as discussões sobre nação, civilização, imperialismo, etnocentrismo, e sobre a formação do estado-nação.

No Brasil Imperial, a criação dos Liceus Provinciais, a criação das Escolas Normais, e uma atenção maior à instrução Pública Primária, são evidências dos ‘ventos de mudanças.’ A formação de Professores e a inserção de bacharéis na política e nas práticas docentes eram formas “multiplicadoras das luzes”⁷. É nos meados do século dezenove, que surgem as primeiras Escolas Normais francesas, tornando-se responsabilidade do poder público a formação de professores, conforme Almeida (1989). Somente em 1835, no Rio de Janeiro, cria-se a primeira Escola Normal, em Niterói, com a lei nº 10 de Abril de 1835, “a França detinha o primeiro lugar entre as nações organizadoras da Instrução Pública e os discursos que Procediam da lei Falloux atraíram a atenção de todos os homens públicos”.⁸ No Ceará, as influências diretas desses atos do poder público começam a ganhar força somente no período em que o Pe. José Martiniano de Alencar é o presidente da província do Ceará. Em sua administração pública foi construído o Liceu Provincial do Ceará (1845).

Nasceram, ainda, no mesmo período, em outras províncias, as Escolas Normais de Minas Gerais (1840), da Bahia (1836 e instalada em 1841), de São Paulo (1848), de Pernambuco (1864), do Piauí (1865), e de Goiás (1858). É contemporâneo do Liceu cearense o Pedro II⁹ (1837) como também o Liceu maranhense (1851). Em Fortaleza, a pedagogia acompanhará o movimento da dinâmica nacional, com a criação do Liceu em 1844. Posteriormente, irá desejar ser ‘experimental’, científica, positivista, naturalista. Belle époque, higienismo, e disciplinamento urbano são as tônicas existentes nos últimos decênios do século XIX (1875-1900). À época, nasce a Escola Normal (1884), em Fortaleza antiga.

A Instrução Pública primária e secundária durante todo o período colonial ficava aos cuidados dos Jesuítas, de acordo com Tobias (1978). Para aqueles que pretendiam o sacerdócio, existiam, ainda, os locais de formação do ensino, como o seminário de Olinda. Aos que não se identificavam com o sacerdócio, “restavam completar seus cursos no exterior, principalmente em Coimbra.”¹⁰ Os bacharéis retornavam as suas províncias de origem, trazendo na bagagem o saber adquirido em seus centros formadores. Voltavam com desejos de uma nova recolocação social, segundo Freire (2002), corroboram também, Hollanda (2004) e Micelli (1977).

O Liceu, instala-se em um prédio alugado na praça Marquês de Herval. A Biblioteca Pública Provincial (1867) é instalada também, na mesma praça, a Marquês de Herval, tendo como seu primeiro bibliotecário um professor do liceu, por nome José de Barcellos em 21 de março de 1867. A biblioteca possuía uma “revista que durou quase dois anos a sua publicação”¹¹ A leitura minuciosa do livro de registro nos informa:

Hoje uma biblioteca, abrindo ao público suas portas, presta o mais poderoso auxílio à instrução Pública. Calou profundamente no animo de todos a utilidade desta instituição, que ocupará a pagina mais brilhante da história da província, a página do progresso... Neste pensamento resolveu se crer uma Revista, mensal que divulguem os conhecimentos, indispensáveis, que vulgasse o que de mais importante offerece, ao mundo scientifico e literário e que dos archivos trate aquillo que mais interessa à história da província.¹²

Em ofício ao diretor da instrução pública da época, o presidente da província anuncia a aquisição de livros para a biblioteca no ano de 1867. Conforme o ofício está escrito:

Dezembro, 24

Ao Diretor Geral da Instrução Publica.

Constando-me que por essa diretoria, se fez encomenda, para a bibliotheca de lyceu, da Encyclopedia Pireot, cuja collecção, compoe-se de mais de 200 volumes, ao preço de 3000reis cada um, e sendo notório que semelhante obra, composta, pela maior parte de 1830 a 1851...e portanto, sua utilidade mal poderá corresponder ao sacrificio da avultada despeza que custará á província sendo adquirida.¹³

Percebemos um fio condutor, através do qual, costumes, tensões individuais, tensões sociais e práticas docentes integram-se, em uma rede de sociabilidades no movimento da história, apontando para ‘modelos civilizadores’ provenientes da corte portuguesa, instalada no Rio de Janeiro, conforme a leitura de Elias (2002). As tensões sociais ocorridas em um tempo de longa duração interferem diretamente na formação do ‘habitus individual’, a segunda natureza, alterando as ações humanas e as experiências vividas.

A Influência das Agremiações Literárias, Pedagogizando a Literatura

É importante salientarmos que a Academia Francesa¹⁴ e as inúmeras conferências sobre a Escola Popular, não só reforçavam os ataques à educação de pedagogia tradicional, humanística e jesuítica, como também apontavam para outros modelos educacionais, baseados nos moldes cientificistas e positivistas. Nesse período, o tradicionalismo católico era também um forte empecilho para o exercício profissional e intelectual desses letrados na esfera do ensino. Marcados por uma leitura positivista, promoviam o confronto entre pedagogias, sejam elas a tradicional jesuítica e as ‘experimentais’ de cunho cientificista. Entre os períodos (1860-1900) a Europa tinha uma capital, Paris. O ‘refino social’ e os ‘atos de civilidade’ eram, em grande parte, ‘espelhados’ na sociedade francesa. É bom ressaltar que as idéias circulavam para ‘emergentes’, bacharéis que tinham prática docente como ofício, e fidalgos entre as elites provinciais, e que, alguns segmentos letrados tinham, em sua maioria, o exercício da pena, o ‘métier’ de escritor como uma forma de recolocação social, de acordo com Micelli(1977), como também nos informa Freire(2002). As palestras da Academia Francesa eram abertas ao público. Temas como eletricidade, educação, democracia, religiosidade, astronomia, medicina, soberania popular, história, e política eram temas da Escola Popular e de suas aulas noturnas realizadas. Era preciso tirar o Brasil e o Ceará do atraso histórico que estavam vivendo, principalmente na educação.¹⁵

A Academia Francesa teria, no Clube Literário (1886), uma forma de herdeiro de discurso e das influências científicas, seria o clube literário um ‘monumento’ ao naturalismo e ao evolucionismo no final do século XIX, tanto na determinação do social, quanto do espaço cearense. As idéias de evolução biológica e social estavam em alta. Os naturalistas divulgavam, a pleno vapor na década de 80, o esboço dos seus próximos ensaios. As idéias do republicanismo amadureciam no interior do partido liberal, a informação é confirmada em artigos “preliminares”,¹⁶ da revista *a Quinzena*. A tônica era o desenvolvimento intelectual da província, a busca desenfreada pelo progresso. Era preciso o intercâmbio com as ‘nações civilizadas’, a França era uma delas. Uma variedade de revistas, livros e jornais europeus circulavam pela capital cearense, segundo Antônio Bezerra.¹⁷ Por toda as partes se fundam sociedades com o fim de propagar o ensino entre os sócios; “possuem esta capital magníficas bibliothecas particulares, em cujas estantes se

encontram os livros mais valiosos e mais modernos da ciência europeia, publicações.”¹⁸

Nesse período (1870-1900), um país civilizado seria aquele cujo povo fosse letrado. O progresso cultural só existiria se houvesse lugar para as letras, ou para o letramento. “Se o povo não desenvolvesse a cultura do espírito, não sairia da condição primitiva da falta de conhecimento das letras e artes, ciência e literatura.”¹⁹, Oliveira Paiva, em *conferências*. No final da década de 80, existiam em “fortaleza 17 mil analfabetos, 9 mil pessoas com profissão definida, 17 mil sem ocupação definida”.²⁰ As elites locais tanto ansiavam o ‘moderno’ para a cidade, quanto desejavam um capital de re colocação social. Eis aí o motivo do alinhamento de ruas provido pelo traçado urbanístico (1875), da ferrovia (1873), do Passeio público e Bondes puxados a burro (1880), do telégrafo (1882), da telefonia (1883) e do Instituto Geográfico Histórico do Ceará (1887). Eram tais mudanças os marcos da chegada dos ideais de ‘civilização’, de ‘modernidade’, de ‘saneamento’, de se alcançar o progresso. As efervescências intelectuais têm a ver com as reformas urbanas, com o desejo de modernização, e com o engajamento dos intelectuais nas tensões sociais do final do século XIX.

Assim, Fortaleza deveria crescer intelectualmente e, principalmente, em determinadas áreas do conhecimento humano, como a ciência, a literatura, as artes, e a filosofia, bem como a remodelação do espaço urbano, com a regeneração de hábitos, costumes, valores, eram em conjunto, o ‘preço’ a ser pago para se pretender ser civilizado. A educação, a cultura letrada e/ou intelectual, como era entendida nesse tempo, diferenciaria os homens, os povos e as nações. A escola e as universidades teriam papel privilegiado nesse universo de cultura letrada, em um Ceará completamente imerso no analfabetismo, bem como estava todo o resto do país. Os bacharéis eram a esse ponto, no processo histórico cearense, agentes de transformações sociais e não só intelectuais. Eram intelectuais engajados, ou melhor, enquanto seres individuais, homens privados que movimentavam uma série de doxas e trocavam capitais entre os diversos campos da linguagem simbólica, conforme Souza (2006). Exerciam, os intelectuais, o ofício de professor. Tanto no Liceu do Ceará, como também na recém criada Escola Normal, denunciando o seu ‘lugar social’, conforme Certeau (1982), a posição de onde falavam, a classe a que pertenciam, e a sua preocupação com a educação em seu tempo.

Havia uma prática letrada que unia a literatura (as práticas de leituras e universo total dessas descrições) à

prática da docência. Muitos literatos exerciam a docência, em Fortaleza, no último quartil do século XIX. O certo é que, para a época, todos possuíam um dado grau de cultura letrada, pois a educação, nesse período, era altamente aristocratizada, Tobias(1978). A escola, nesse período, era o lugar do saber elevado. O professor, o mestre, era aquele que proporcionaria a divulgação e a formação do indivíduo no saber. Essa era a tônica da pedagogia tradicional humanística jesuítica, conforme Tobias (1978). A ênfase dada à superioridade da cultura intelectual, ou à educação, pode ser percebida no artigo *A Educação Moral das Crianças na Escola*²² O saber para os literatos, para os membros de agremiações literárias, era um dos ícones principais do mundo, o critério pelo qual o homem promoveria o progresso. Assim falava José Barcellos, quando discorria sobre “*Pestalozzi*”²³ na revista *a Quinzena*. Literatos e Bacharéis faziam “literatura como missão.”²⁴

Não existia atividade livresca, ou principalmente, não existia atividade jornalística só por ‘romantismo’. A prática literária e a prática docente eram formas germinativas e embrionárias de atender a “uma certa recolocação social aos intelectuais que não eram prestigiados nos altos círculos literários da época, nem na corte, nem protegidos pelo mecenato do império.”²⁵ A Padaria Espiritual, como também os seus sócios, os Padeiros, esteve envolvida nessa dinâmica social, privilegiando o jornal, *o Pão*, como o suporte propagador de suas idéias, agindo, em seu tempo histórico. Os Padeiros esforçavam-se em orientar a população, engajando-a nas transformações sociais, nas tensões, nos dilemas da vida cotidiana, nos problemas governamentais da oligarquia aciolina e, principalmente, no envolvimento, ou melhor, na participação de seus integrantes na instrução pública. A prática docente era uma prática de letrados. Os intelectuais realizavam um duplo papel social: serem intelectuais engajados, participando das tensões de transformação da estrutura social, além de pedagogizarem a literatura..

A leitura de jornais e revistas no final do século XIX denuncia o envolvimento dos intelectuais e membros de agremiações literárias de forma direta com a educação, sendo professores, diretores, secretários das escolas públicas (Liceu, Escola Normal), e outras particulares em seu tempo. Durante as décadas de 1880 a 1890, a educação tinha um sabor de redentora de todos males, tinha o papel de apanágio dos males do social, prefigurando um período chamado de Entusiasmo pela Educação. Essa temporalidade (1870-1900), os últimos decênios do século XIX, oficializou-se como ‘ponte’ entre os campos da Literatura e a Educação no final do

século XIX. À época, a estratégia era alcançar o público pela pedagogização da literatura. Agremiações literárias usavam tanto o humor, como a ironia como uma forma de pedagogizar a literatura, explicando artigos científicos em forma de contos. A pedagogização da literatura, por exemplo, foi realizada pelos membros da Padaria Espiritual. Os Padeiros falavam dos seus ideais educacionais, de suas leituras, de suas idéias e propostas, em um veículo chamado o jornal *o Pão*. Nada mais sugestivo e simbólico do que uma Padaria, que cuidava das ‘coisas do espírito’, ‘formando os indivíduos,’ ‘orientado os olhares’, falando da cultura local, de ciência, da crítica literária, proporcionado aulas em contos no jornal o ‘Pão de espírito’.

O jornal da agremiação fortalecia o espírito dos famintos de conhecimento e das coisas da gente. Até o título da agremiação nos parece sugestivo, diríamos até menos enigmático, menos simbolista, quando o caleidoscópio da história focaliza todas as outras imagens formadas.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J.R. Pires de. *História da instrução pública no Brasil(1500-1889)*. São Paulo: EDUC/Brasília, DF: INEP/MEC,1989.
- ARRANHA, M^a Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2^a Ed. Ver e atual. São Paulo:Moderna, 1996.
- AZEVEDO, Fernando. *Sociologia Educacional*. Introdução ao estudo dos fenômenos e de suas relações com os outros fenômenos sociais. 2^a ed. São Paulo; Melhoramentos.1951.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*.Tad; Maria Lucia Machado-São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo,UNESP,1999.
- CHARTIER,Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel/rj; Bertrand Brasil,1990.
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociedade*. Trad. Lourenço Filho.11^aed, São Paulo: Melhoramentos, Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- ELIAS Nobert. *O processo civilizador*. TRad. Versão inglesa, Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED,1993. vol I-II.
- FREIRE,Gilberto. *Sobrados e Mocambos*.13^aed. Rio de Janeiro; Record 2002.
- GINZBURG,Carlo. *A Micro História e outros Ensaios*. Trad. Antônio Narino. Lisboa, Difel, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991.

- _____. Estranhamento. In: Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- MICELLI, Sergio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva 1977.
- MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999
- MOACYR, Primitivo. *A Instrução e o Império*. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1933.
- HOLLANDA, Sergio Buarque (org). A Educação. In: *O Brasil Monárquico. Declínio e queda do Império*. História Geral da civilização brasileira v.4, Tomo II, -7ª Ed.-Rio de Janeiro; Bertand Brasil, 2004.
- PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle époque*. Reformas Urbanas e Controle social. 2ªed- Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.
- SALES, Antônio . *A História da Literatura Cearense*. In: Girão, Raimundo e Martins Filho, Antônio. O Ceará . Fortaleza, ED. Fortaleza, 1939.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão ; Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo : Brasiliense, 2003.
- SOUZA, Amós Bernardino. *Padeiros-educadores: Coisa que o tempo levou (1875-1900)*. Disponível em Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações -TEDE, <http://teses.ufc.br/index.php>.
- TOBIAS, José ANTÔNIO. *História da Educação Brasileira*. 2ª Ed., São Paulo; Juriscr, 1978.
- Jornais de época, Periódicos Científicos e Literatos.
A Quinzena (1887-1888): Revista de propriedade do Clube Literário/Nudoc-UFC.

Documentos do arquivo Público:

Livro de nº 177, registros de ofícios do governo da província do Ceará, a instrução pública e biblioteca pública, ofícios (1863-1872), Arquivo Público do Estado do Ceará.

NOTAS

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação brasileira (FACED-UFC). Atualmente desenvolvendo pesquisas para tese de doutoramento na mesma instituição. Utiliza nesse artigo como forma de análise metodologias da historia cultural em consonância com os caminhos abertos, pelo pensamento de Nobert Elias, nas obras *O processo Civilizador* e *Sociedade da corte*.

² SOUZA, Amós Bernardino. *Padeiros-educadores: Coisa que o tempo levou (1875-1900)*. Disponível em Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações -TEDE, <http://teses.ufc.br/index.php>.

³ Id.Ibid., p.85

⁴ *Liceu(1845)*, *Atheneu Cearense* dos Costa Mendes (1863), *Colégio da Imaculada Conceição (1864)*, *Panteon Cearense (1870)*, *Colégio Cearense. (1870)*, *Colégio Universal (1875)* *Colégio São José. (1876)*, *Instituto Cearense de Humanidades (1869)*, *Colégio Santa Rosa de Lima (1881)* *Partenon Cearense (1882)*, *Escola Cristã* do Pe. Liberato Dionísio (1882) *Escola Normal (1884)*, *Colégio São Luís, (1884)*, *O Externato Santa Tereza de Jesus, (1886)*, *Nossa Senhora da Vitória (1887)*, *Jardim da Infância (1887)*, *Telêmaco (1887)*, *Ginásio Cearense (1887)*, *Nossa Senhora de Lourdes (1889 em Guaramiranga e 1896 em Fortaleza)*, *Externato Santa Clotilde, (1891)*, *Instituto de Humanidades (1892)*, *Externato Florisa (1892)* *Colégio Da Assunção (1887)* *Escola Americana (1900)*, *Externato Colombo (1902)* *Instituto de humanidades de Joaquim Nogueira (1904)* *Instituto Miguel Borges, de Odorico Castelo Branco, (1900-1921)*.

⁵ Sobre este assunto, a educação como fato social Cf. DURKHEIM, E. *Educação e Sociedade*. Trad. Lourenço Filho. 11ªed, São Paulo: Melhoramentos, Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

O autor faz uma exposição de argumentos sobre o seu entendimento acerca de educação. Para o mesmo, a educação e pedagogia são coisas distintas. A educação é entendida como um fenômeno de transmissão cultural. As obras, *a Cultura Brasileira e Sociologias Educacionais, ambas de Fernando de Azevedo*, analisam a educação numa matriz Durkheimiana.

⁶ ARRANHA, Mª Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2ª Ed. Ver e atual. São Paulo:Moderna, 1996 p.120. A autora relata que, na Europa, esse é o período da influência direta das idéias de Rousseau e seu naturalismo, o século das idéias de um pedagogia idealista de Kant e sua influência no pensamento alemão. É, também, o século em que as idéias de Augusto Comte e o seu curso de filosofia Positiva, com suas idéias de física do social, estão sendo ainda construídas. Porém, é só no século XIX ,que estas idéias, com os seus discípulos e autores, tomarão ‘corpo’, constituído o imaginário social do XIX.

⁷ MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999, p.17.

⁸ ALMEIDA, J.R. Pires de. *História da instrução pública no Brasil(1500-1889)*. São Paulo: EDUC/Brasília, DF: INEP/MEC,1989.p.81.

⁹ Segundo a leitura, MOACYR, Primitivo. *A Instrução e o Império*. São Paulo: Cia Editora Nacional p. 71-132. Os liceus provinciais seriam criados aos cuidados das Assembleias Provinciais e teria como modelo o colégio Pedro II, antigo colégio São Joaquim. O Bacharel em Letras desse colégio não é obrigado a fazer exames preparatórios para entrar nas Academias do Império, Bastando somente a apresentação de diploma.

¹⁰ HOLLANDA, Sergio Buarque (org). *A Educação*. In: O Brasil Monárquico. *Declínio e queda do Império. História Geral da civilização brasileira* v.4, Tomo II, -7ª Ed.-Rio de Janeiro; Bertand Brasil,2004, p.367

¹¹ Tal informação se encontra no Livro de nº 177, registros de ofícios do governo da província do Ceará, a instrução pública e biblioteca pública, ofícios (1863-1872), Arquivo Público do Estado do Ceará, p. 160.

¹² Id.Ibid., p.161.

¹³ Id.Ibid., p.152.

¹⁴ Era uma Agremiação filosófico-literária de cunho científica, herdeira das sementes plantadas pela expedição do Instituto Histórico-Geográfico brasileiro quando aqui permaneceu por dois anos (1859-1861) coletando dados da fauna, flora, fazendo estudos de mineralogia e de certa forma, dando explicações climáticas e científicas aos flagelos que se abatiam na província do Ceará Grande. Além disso, fazia oposição ao pensamento da escola de Recife que eram germanófilos e que tinham em seus maiores expoentes (Tobias Barreto e Sílvio Romero) e, por pilhéria, adotaram o nome de Academia Francesa

¹⁵ Nos anos de 1870-1892, desde o aparecimento da Fênix Estudantil (**1870**) até a Padaria-Espiritual (**1892**), Aponta Mota 27 SOCIEDADES DE LETRAS. Cf. MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual –Fortaleza ; Casa José de Alencar /UFC;* 1995, p. 10-50. Entre as sociedades de letras estão: Fênix Estudantil (**1870**), Academia Francesa (**1873**), Gabinete Cearense de Leitura (**1875**), Gabinete de Leitura de Baturité (**1875**), Instituto Histórico e Geográfico cearense (**1877**), Gabinete de Leitura de Aracati, Associação Literária Uniense, Gabinete de leitura Cearense (**1884**), Gabinete de Leitura de Campo Grande (**1884**), Sociedade Rocha Lima (**1884**), Grêmio Literário (**1885**), Gabinete de leitura de Iço (**1886**) Club Literário (**1886**), Instituto do Ceará (**1877**), Gabinete de Leitura de Barbalha (**1889**), Sociedade União da Concórdia (**1890**), Clube Literário e Democrático Parangaba (**1890**), Biblioteca 16 de Novembro de Baturité (**1890**), Sociedade Silva Jardim (**1892**), Sociedade José de Alencar (**1892**), Sociedade literária 11 de janeiro S. Ana do Cariri (**1892**), A

Padaria Espiritual (1892), Academia Cearense de letras (1894), a mais antiga do Brasil. O exercício dos Bacharéis nessa época no campo educacional era uma forma de recolocação social do intelectual e uma ponte de intercambiamento entre o campo literário e o campo educacional. Cf. BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Tadj; Maria Lucia Machado-São Paulo : Companhia das Letras, 1996, p.238-311. Além disso, muitos desses intelectuais com as idéias científicas, alguns eram ex-liceístas, “outros tinham envolvimento com a marçonaria”, no dizer de Antônio Sales, Cf. Sales, Antônio. *A História da Literatura Cearense*. In: Girão, Raimundo e Martins Filho, Antônio. *O Ceará*. Fortaleza, ED.Fortaleza, 1939 p.259 e muitos eram formados no seminário de Olinda, a famosa escola de direito do Recife.

¹⁶ LOPES, João. Preliminares In: *A Quinzena*, Ano I, Nº 1, 15/01/1887. fala do espírito de vanguarda do Ceará em relação às outras províncias, além de destacar a possibilidade jurídica dada à mulher em proporcionar o ensino primário, e do pioneirismo cearense na Abolição. Os sócios da revista, em sua maioria eram bacharéis.

¹⁷ BEZERRA, Antônio. *O nosso progresso*. In: *A Quinzena* ,, Nº 07; Ano II, 03/05/1888. p. 52

¹⁸ Id.Ibid., p.52

¹⁹ PAIVA, Oliveira. *As Conferências do Clube Literário*. In: *A Quinzena*, Ano I Nº14, 31/07/ 1887, p 105-106. “Por que meio havemos nós, benfazejas serpentes do paraíso, tentar aestes nossos patrícios....No campo da arte, nem possuímos a majestade dos monumentos architectonicos, nem a vida silenciosa das estatuas, nem o desperta de uma natureza nova e melhor ao Fiat do pintor, nem a transfiguração misteriosa que nos incute a alta musica... Arte e ciência, portanto não nos conduzirão ao sollo de homens civilizados. Resta indagar si as Letras poderão servir de aias a este povo infante. Comece-se por encarar que as letras, cujos orgams são a tribuna e a imprensa, hoje em dia por tal modo se interessam pela a humanidade, que ellas, podem dar-se como a melhor synthese da civilização” (Id. Ibidem. P. 106)

²⁰ PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle époque. Reformas Urbanas e Controle social*. 2ªed- Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, p.95

²² LIMA ,Francisca Clotilde de. *A Educação Moral das Crenças na Escola*, In: *A Quinzena* . Ano I. Nº 03, 15/02/ 1887, p.22. Nesse artigo, a idéia principal é o desenvolvimento do individuo, sendo o professor o seu condutor e/ ou tutor.

²³ BARCELOS, José. *Pestalozzi*. IN; Revista, *A Quinzena*. Fortaleza : Clube Literário, 30/04/1887, p.5 Nesse artigo, Bar-

celos, que já exercia o ofício de professor e diretor da Escola Normal, não chega a comentar sobre a pedagogia romântica de pestalozzi, fala que era discípulo de Rousseau, contudo, exalta a supremacia e a habilidade feminina para a docência, beatificando-a como num santo ofício.

²⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão ; Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo : Brasiliense, 2003.

²⁵ MICELLI, Sergio. Poder, Sexo e Letras na República Velha. São Paulo: Perspectiva 1977, p.40-71. O autor relata que eram comuns Grupos de letrados atuantes, simultaneamente, na política e no ofício das letras, escrevendo em jornais e/ou pasquins. Isso acontecia em função do período em que a crítica literária classificava como Naturalismo-realismo, herdeiros da tradição romanesca, como uma forma ‘primitiva’ de multiplicação social das experiências vividas, e diluídas no social, como também disseminador de idéias e teorias científicas que estavam em alta no momento. Muitos desses intelectuais vinha de famílias abastardas e/ou eram parentes pobres das oligarquias. Tal situação era definida ainda na infância, ou por causa da morte do pai ou tutor, ou pela falência dos mesmos. Daí existia todo um protecionismo e uma troca de capitais simbólicos ao parente menos afortunado ou vítima de alguma dificuldade maior. As letras eram uma forma de recolocação social. O ofício de escritor também aponta, nas palavras do autor, “uma estratégia de reconversão social” (MICELLI, Op. Cit., p.22-23).